



As tarefas do movimento na segunda semana de greve

ERGUER IMEDIATAMENTE UM PROGRAMA UNITÁRIO DE REIVINDICAÇÕES QUE AMPLIE E RADICALIZE A LUTA PARA ARRANCAR DA REITORIA/GOVERNO AS CONDIÇÕES PARA GARANTIR O ENSINO PÚBLICO E GRATUITO PARA TODOS OS ESTUDANTES!

A greve geral começou antes mesmo de ser aprovada em toda a USP, quando a FFLCH, já em greve por tempo indeterminado, fez um ato arrastão, em resposta à medida ditatorial do diretor da unidade, Paulo Martins, de trancar os prédios para boicotar a decisão de assembleia de instalar piquete, após finalizadas as aulas. A resposta dos estudantes da FFLCH impediu o burocrata de cumprir seus objetivos, e radicalizou os estudantes. Ajudou ainda o fato de que várias unidades já haviam aprovado a greve nesse dia, e outras ainda viriam a aprovar nos dias posteriores à assembleia geral de 19/09, atingindo hoje mais de 20 unidades do campus Butantã e do interior de SP. O ato realizado no fim da tarde de 21/09, com concentração em frente à reitoria, foi igualmente massivo. A pauta histórica da derrubada da grade da “Prainha” da ECA – que existe desde quando o SINTUSP foi expulso de sua antiga sede em 2017, perto da reitoria, e jogado para perto da prefeitura do campus – foi retomada na prática pelos estudantes quando, durante a QjB de 21/09, estudantes decidiram derrubar, com sucesso, parte da grade, para garantir o acesso à Prainha da ECA. Esses acontecimentos da última semana indicam que existe uma profunda tendência grevista e um elevado grau de radicalização do movimento. Agora é preciso discutir e aprovar as tarefas e reivindicações que permitirão ao movimento, nesta semana que começa, impulsionar a greve para um patamar mais alto, e não deixar que o movimento defina dentro dos muros da USP.

REIVINDICAR UM NÚMERO CONCRETO DE CONTRATAÇÕES

Na assembleia geral de 19/09, foi apresentada, pela Corrente Estudantil Marxista – Guillermo Lora (CEM-GL), uma proposta de reivindicação que continha um número concreto de professores a serem contratados (naquele momento, 800, com base na perda de professores na última década noticiada pela imprensa). A mesa (direção do DCE), então, informou que o número de docentes necessários, levantado pela Adusp, era maior, superando os mil professores, e se comprometeu a confirmar esse número e trazê-lo à assembleia de 22/09 (mas não o fez). Ao que a CEM-GL exigiu, então, que se aprovasse como reivindicação do movimento a contratação imediata de pelo menos esses mil professores, e deixasse para próximas assembleias a modificação do número que viria a surgir das avaliações dos cursos. Os cursos devem fazer suas pesquisas, mas para que sirvam de base para precisar a reivindicação geral a ser referendada em assembleia, como está fazendo a Física e já o fizeram a Letras e Geografia. O fato é que a direção do DCE se nega a aprovar um número concreto, e propõe apenas deixar na pauta o termo “contratações de professores”, porque assim poderá negociar dentro dos marcos do Plano de Contratações proposto pela Reitoria até 2025 (875 professores). Fica claro que a direção é contrária a uma pauta capaz de impulsionar a luta para impor à Reitoria as reais necessidades. Ao movimento, cabe agora cobrar, como reivindicação da greve, os 1042 professores (número que, segundo a

ADUSP, expressa o déficit de professores em relação ao ano de 2022), além de 4 mil funcionários e efetivação dos terceirizados, readmissão dos aquaviários do IO, e fim da necessidade de compensação dos dias de recesso, reivindicações estas erguidas pelos funcionários, visando a construir uma base para a unidade entre os que estudam e trabalham, e o fortalecimento da greve.

POR UMA COMISSÃO DE NEGOCIAÇÃO ELEITA E SUBMETIDA À ASSEMBLEIA

Em 21/09, a reitoria fez uma reunião de negociação com uma comissão, cujos delegados não foram eleitos em assembleia, comissão formada pela direção do DCE e de alguns CAs. Nessa reunião, não foi apresentada nenhuma proposta concreta pela reitoria, apenas que haveria uma próxima reunião de negociação para esta semana. Esta falta de proposta mostra duas coisas: a) que o movimento ainda não conseguiu a força necessária para obrigar a reitoria/governo a fazer uma proposta concreta de contratações imediatas; b) sem uma reivindicação concreta, não há o que negociar, e ainda corre-se o risco de que o reitor ofereça um número muito aquém das necessidades dos estudantes, e que a comissão concorde e cante vitória antes mesmo da assembleia. Por isso, é imperativo que a assembleia imponha à direção uma nova comissão de negociação, que seja composta por delegados referendados em assembleia e revogáveis perante ela, que levem para negociação a reivindicação, a ser votada em assembleia, de contratação imediata de 1042 professores e 4 mil funcionários, e que as propostas apresentadas na reunião de negociação sejam discutidas e votadas na assembleia antes de serem aceitas.

EXPANDIR A GREVE: A POLÍTICA PRIVATISTA E DE SUCATEAMENTO VEM DO GOVERNO – PRESSIONEMOS TARCÍSIO/CARLOTTI NAS RUAS!

Para que a greve tenha mais força e, consequentemente, mais chances de conquistar as reivindicações, é preciso expandi-la, tanto dentro, quanto fora da USP. É preciso expandi-la dentro da USP, pois nem todos os cursos entraram em greve. Criar uma grande comissão de mobilização, com centenas de estudantes, que possa levar a greve até as unidades que ainda se mostram inseguras em aderir, ou para auxiliar as unidades que têm tido dificuldade de organizar sua greve. Para fora da USP, com atos de rua, em lugares movimentados da cidade, bloqueando vias e afetando a economia, chamando a atenção da imprensa e da população assalariada para a greve, e convocando à unidade de todos os setores em luta para, com a unidade na ação e a força coletiva, impor ao governo todas as reivindicações. Lembremos de que o problema não se restringe à reitoria: a PM que vigiou o ato da FFLCH de 18/09 e que está alojada no campus há alguns anos, está sob ordens do governo do estado, como é também o governo quem tem poder para ordenar à reitoria manejada por ele que contrate os professores necessários imediatamente.

CALENDÁRIO DE GREVE DA SEMANA

Para que o movimento possa cumprir as tarefas listadas acima, é importante estar atento e participar das atividades de greve, observando possíveis mudanças no calendário, e sem confiar em nada da direção conciliadora do DCE, exigindo que cumpra o calendário e as tarefas aprovadas em assembleia.

Terça-feira, 26/09: ATO DE RUA, 17h00. Concentração na USP, dirigindo-se até o Largo da Batata. // **Quarta-feira, 27/09: REUNIÃO DO COMANDO DE GREVE GERAL, 18h00.** Como deliberado em assembleia, deverá ocorrer no dia anterior à negociação com a reitoria. // **Quinta-feira, 28/09: ATO DURANTE A NEGOCIAÇÃO COM A REITORIA, 09h30,** em frente à reitoria. A reunião de negociação propriamente começará às 10h30. // **Sexta-feira, 29/09: ASSEMBLEIA GERAL, 18h30, LOCAL A CONFIRMAR.**

PARTICIPE DA REUNIÃO DA CEM-GL QUE DEBATERÁ OS RUMOS DA GREVE E AS TAREFAS COLOCADAS PARA QUE SEJA VITORIOSA!
quinta-feira, 18h30, na Física.